

Ofensiva das FPLM liberta 150 pessoas em Muecate

N. 20
6
85

• Relato das actividades dos bandidos armados

Elementos da população, num total de 151 pessoas, entregaram-se voluntariamente às nossas autoridades, depois de iludirem a vigilância dos bandidos armados, num momento em que estes eram violentamente atacados pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM), na região do distrito de Muecate.

As populações, que viviam compulsivamente há vários meses com os bandidos armados, num importante acampamento inimigo, encontram-se na sede do distrito de Nampula, em Rapale, ex-Nova-Chaves, a aguardar a sua reintegração numa vida normal.

Estes cidadãos apresentam-se com um aspecto físico deplorável, caracterizado por maus tratos, doenças, fome e diversas privações passadas sob cativeiro dos bandidos armados. O estado psíquico em que se encontram algumas pessoas aparenta-se grave. O traumatismo apanhou-se daqueles cidadãos, a tal ponto que no local onde se encontram pouco se movimentam; apresentam-se inseguros perante as pessoas e ainda dificultam o trabalho de sanidade.

Neste momento estão sendo condicionados alimentos e roupa, seguindo-se depois a localização de uma área para a construção de uma aldeia comunal exclusivamente para as pessoas que até então viviam compulsivamente com os bandidos armados.

Outra prioridade idêntica reside na abertura de campos agrícolas contando com o apoio do Governo local, que deverá enviar utensílios de produção e sementes.

Entretanto, seis «madjibas» activos foram interceptados pelas Forças Armadas de Moçambique, quando andavam à deriva depois de terem perdido o controlo e a localização da região do seu refúgio, devido à penetração do Exército na floresta.

Um deles, de nome Ernesto Joaquim, aparentando cerca de 40 anos, havia servido os bandidos armados durante um ano e quase quatro meses, tendo percorrido vários acampamentos, nomeadamente de Muarrerimue, em Mecubúri, de Caramanja, em Nampula, e Muhula, em Muecate.

— Eu ficava no distrito de Monapo. Num certo dia, apareceram, em minha casa, bandos armados que saquearam o melhor que tinha: galinhas e amendoim e depois abandonaram a região — disse Ernesto Joaquim.

— Numa outra ocasião — acrescentou — quando eu e a minha mulher participávamos na limpeza da machamba dos meus pais, apareceram de novo os bandidos armados, tendo-me raptado, depois de queimarem a palhota onde residia e violarem a minha mulher.

Depois disse que na terceira semana, em convívio com os bandidos, um grupo deles organizou-se para queimar um carro do Governo e nessa altura eu encontrava-me doente por ter sido mordido por uma cobra.

E acrescentou:

— No mesmo dia fomos informados que as Forças da Frelimo acabavam de localizar a região onde estávamos, pelo que retirámo-nos para um outro local chamado Opewé (local de orações), sempre conduzidos por um bandido chamado Alfredo. Atravessámos o rio Muecate, ficámos três semanas nesta região, e a dada altura fomos atacados pelas forças da Frelimo em companhia dos milicianos. Conseguimos fugir a tempo para uma outra região chamada Muarrerimue, base onde se encontravam os cabeças dos bandidos: Mambó, Canico e Ingagere. Também aqui fomos de novo atacados.

— Fugimos e entramos no distrito de Mecubúri. Fosse seguindo o seu relato, afirmou:

— Fugimos e entramos no distrito de Mecubúri. Fomos informados depois que a tropa da Frelimo acabava de arrasar um acampamento nas proximidades. Nessa altura, a moral dos bandidos era muito baixa e a partir daí tivemos oportunidade de fugir. Durante o tempo que estive com os bandidos armados, tinha a tarefa de atacar civis, roubar às populações para abastecermos em comida os malfetores.

Ernesto Joaquim disse ainda recordar-se «de uma vez que me entregaram cinco homens para matar, na região de Muiana. Eu assassinei com medo deles...»

Ernesto Joaquim encontra-se às ordens das nossas autoridades, na sede do distrito de Nampula, Rapale.